

FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA FORMATIVA DURANTE O PROGRAMA PIBID/UFDPAR

Andreza Emanuele Fonseca Viana ¹
Francisco Carpegiani Medeiros Borges ²

RESUMO

Neste trabalho, compartilho minha trajetória como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vivenciada ao longo da minha formação no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR). O objetivo deste relato é compartilhar as experiências vividas no contexto escolar e refletir sobre os aprendizados construídos ao longo da minha atuação no programa. Essa vivência tem ampliado significativamente minha compreensão sobre o papel do professor, ajudando-me a enxergar a docência não apenas como transmissão de conteúdo, mas como prática comprometida com o desenvolvimento humano e social. Através de ações como observação de aulas, elaboração de atividades didático-pedagógicas, intervenções em sala e participação em projetos e espaços formativos, tais como: a) desenvolvimento de atividades voltadas para as Olimpíadas de Matemática, b) monitoria de alunos com dificuldades em conteúdos básicos, c) preparação para o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), d) correções de exercícios em sala, e) vivência com turmas do 1º e 3º ano do Ensino Médio, f) apresentação de trabalhos em congressos e g) aula de campo ao Museu dos Povos Indígenas Anízia Maria (Lagoa de São Francisco – PI) e Ateliê das Opalas (Pedro II – PI), pude refletir sobre os desafios reais da educação básica pública e sobre o meu processo de formação enquanto futura professora. Pretendo, neste relato, dialogar com autores que abordam os saberes docentes e a construção da prática pedagógica, como Maurice Tardif, José Carlos Libâneo, Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima. Acredito que minha experiência evidencia como o PIBID contribui para a formação de professores mais críticos, conscientes e comprometidos com a transformação social, reforçando a importância de políticas públicas voltadas à valorização da docência e à qualificação da escola pública.

Palavras-chave: PIBID, Formação inicial docente, Desenvolvimento social, Desenvolvimento humano, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A formação inicial docente constitui um processo complexo e contínuo, no qual o licenciando constrói saberes profissionais que se articulam entre conhecimentos teóricos,

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR) - PI, andrezaviana@ufdpar.edu.br;

² Doutor pelo Curso de Doutorado em Matemática Aplicada da Universidade Estadual de Campinas – SP, carpegiani@ufdpar.edu.br.



experiências práticas e reflexões críticas sobre a realidade escolar. Nessa perspectiva, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se configura como política pública fundamental para o fortalecimento da docência, pois proporciona ao futuro professor a imersão no ambiente escolar desde a graduação, favorecendo a integração entre teoria e prática e estimulando o desenvolvimento de competências pedagógicas, sociais e éticas.

Segundo Tardif (2017, p. 18), “os diversos saberes e o saber-fazer dos professores estão longe de serem produzidos por eles mesmos ou de se originarem do seu trabalho cotidiano.”, destacando que a prática docente não se limita à aplicação de conteúdos, mas envolve interação, negociação e construção conjunta de significados. A formação de professores, especialmente no campo da Licenciatura em Matemática, exige mais do que o domínio dos conteúdos disciplinares: ela demanda sensibilidade, reflexão crítica e vivência prática que permitam ao futuro docente compreender a realidade escolar e intervir de forma significativa. Nesse sentido, como aponta Libâneo (2013, p. 25), a didática cumpre o papel de mediação entre os objetivos da educação, os conteúdos escolares e os métodos de ensino, sendo um elemento essencial na prática pedagógica. Pimenta e Lima (2010, p. 44) complementam afirmando que o estágio e as práticas supervisionadas aqui representadas pelo PIBID constituem espaços privilegiados de aprendizagem da docência, nos quais o licenciando vivencia a complexidade do trabalho pedagógico e desenvolve sua identidade profissional.

Este relato apresenta as experiências vivenciadas no subprojeto de Matemática do programa PIBID da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), na escola C.E.T.I. José Euclides de Miranda, junto as turmas do 1º e 3º ano do Ensino Médio, entre dezembro de 2024 e julho de 2025. As ações envolveram monitorias voltadas para as Olimpíadas de Matemática (OBMEP, Canguru e Mandacaru), aplicação e correção de simulados do SAEB e ENEM, apoio em aulas regulares, desenvolvimento de projetos interdisciplinares, uso de recursos tecnológicos como o *GeoGebra*, participação em eventos acadêmicos e realização de aula de campo ao Museu dos Povos Indígenas Anízia Maira (Lagoa de São Francisco – PI) e a um Ateliê das Opalas (Pedro II – PI).

O objetivo central deste trabalho é analisar de que forma a participação no programa PIBID contribuiu para a construção de uma prática docente crítica, contextualizada e comprometida com a realidade da escola pública. Como objetivos específicos, busca-se: a) descrever as atividades desenvolvidas; b) discutir os saberes docentes mobilizados e construídos; etc) refletir sobre as contribuições do programa para a formação inicial.



Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, fundamentado em registros reflexivos elaborados durante o programa e na observação participante. A análise foi guiada pela triangulação entre os dados empíricos (atividades desenvolvidas), o referencial teórico adotado e a reflexão crítica sobre o processo formativo.

METODOLOGIA

O percurso metodológico deste relato parte diretamente da minha vivência como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculada ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). A experiência se deu na escola da rede pública estadual de ensino médio C.E.T.I. José Euclides de Miranda (Parnaíba - PI), onde atuei junto às turmas do 1º e 3º ano, inserida na rotina escolar e nos desafios concretos do ensino da Matemática.

Trata-se de uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, pois busco narrar e refletir sobre o processo vivido a partir da imersão na escola. Meus registros foram feitos em diário de campo, relatórios semanais, reflexões orientadas e relatos em grupo, durante reuniões pedagógicas do programa. Toda a minha escuta, meu olhar e minha prática se organizaram em torno de uma pergunta central: como tornar a Matemática mais significativa para estudantes que, muitas vezes, chegam às aulas com bloqueios e desinteresse?

As atividades foram planejadas a partir da observação do cotidiano escolar e da escuta atenta aos estudantes. Em diálogo com a professora supervisora e com o grupo de bolsistas, organizei intervenções pedagógicas voltadas à preparação para as Olimpíadas de Matemática (OBMEP, Canguru e Mandacaru) e para o SAEB. Desenvolvemos oficinas de resolução de problemas, gincanas matemáticas, desafios por equipe, uso de jogos didáticos, elaboração de cartazes e atividades com tecnologias digitais, sempre com foco no raciocínio lógico e na autonomia dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do tempo em que estive inserida na escola através do PIBID, comecei a perceber transformações significativas tanto nos estudantes quanto em mim mesma. O contato constante com a sala de aula, a troca com a professora supervisora e com meus colegas





bolsistas, e, sobretudo, o retorno dos alunos, foram construindo em mim uma consciência mais aguçada sobre o papel do professor como formador de sujeitos e não apenas como transmissor de conteúdo.

As atividades que desenvolvemos, especialmente aquelas voltadas às Olimpíadas de Matemática, como oficinas de resolução de problemas, desafios lógicos, jogos educativos e gincanas, despertaram nos estudantes um envolvimento que não era comum nas aulas tradicionais. Alguns alunos que antes se mostravam desmotivados começaram a demonstrar curiosidade, a fazer perguntas, a se organizar em grupos de estudo e até a compartilhar dúvidas fora do horário das aulas. Para mim, esse foi um dos resultados mais marcantes: perceber que o interesse pode ser despertado quando a abordagem muda e respeita o tempo e a linguagem dos alunos.

Além disso, as estratégias utilizadas foram potencializadas pelo uso de recursos digitais acessíveis. Criamos atividades interativas com ferramentas simples, como *quizzes online*, uso do *Geogebra* e vídeos explicativos curtos, que possibilitaram diferentes formas de participação. Isso favoreceu a aprendizagem de estudantes com perfis diversos, contribuindo para a inclusão e a equidade no processo educativo.

O processo de observação e reflexão contínua me levou a perceber como a Matemática ainda é, para muitos, um campo marcado pelo medo e pela exclusão. Diante disso, senti a necessidade de tornar minhas práticas mais sensíveis, dialógicas e instigantes. Em vários momentos, a escuta das dúvidas e dos comentários dos alunos me ajudou a replanejar atividades, rever explicações e ajustar a abordagem. Foi nesse movimento constante que compreendi, de forma prática, a ideia de docência como ação investigativa, conforme defende Pimenta e Lima (2010, p. 46).

Outro resultado relevante foi minha própria transformação. Iniciei o PIBID com certa insegurança, medo de errar e receio do contato direto com os estudantes. Com o tempo, fui ganhando confiança, reconhecendo o valor da escuta, da paciência e da flexibilidade. Aprendi a planejar com mais intencionalidade, a avaliar o impacto das minhas ações e, sobretudo, a compreender a escola como um espaço de construção coletiva. Como afirma Libâneo (2013, p. 138), ensinar exige sensibilidade para lidar com a diversidade e comprometimento ético com a formação dos sujeitos. Essa consciência passou a guiar cada atividade que eu planejava e aplicava.

Com base nos registros feitos em diário de campo e nos debates realizados em grupo, identifiquei também a importância das trocas entre pares. A convivência com os outros





bolsistas e com a supervisora ampliou minha percepção sobre os desafios da profissão e me fortaleceu para enfrentá-los de forma mais consciente e colaborativa.

IX Seminário Nacional do PIBID

Em síntese, os resultados obtidos não se limitaram a números ou produtos mensuráveis. Eles se revelaram nas pequenas mudanças de postura dos alunos, na alegria ao resolver um problema, no pedido de mais oficinas, e, principalmente, na transformação do meu olhar sobre o que é ensinar e aprender Matemática.

Algo que considero muito importante nesse processo foi perceber como o ambiente de sala de aula se transformava quando o protagonismo dos estudantes era valorizado. A cada oficina, percebia o interesse crescer, e muitos alunos começaram a se desafiar, se organizar em grupos de estudo e até se inscrever em olimpíadas por iniciativa própria. Esses sinais de envolvimento foram registrados e discutidos com o grupo do PIBID, ampliando minha visão sobre o papel do professor como mediador e incentivador da aprendizagem.

Esse processo foi guiado pelo compromisso com o respeito, a escuta e a ética na prática educativa. Mais do que aplicar atividades, o PIBID me ensinou a observar, escutar e planejar com intencionalidade, reconhecendo as potências dos sujeitos e os sentidos que atribuem ao conhecimento.

A minha experiência no PIBID me permitiu compreender, na prática, o que autores como Tardif (2017) definem como “*Saberes Docentes e Formação Profissional*”. Ao me inserir no cotidiano escolar, percebi que ensinar vai muito além de dominar o conteúdo matemático: é preciso escutar, observar, refletir e construir, junto aos estudantes, um caminho de significados. Os saberes docentes não são prontos ou fixos; eles se formam no fazer e no refazer diário da prática.

Durante as intervenções, pude perceber como a prática exige constante tomada de decisões, negociação de sentidos e adaptações, especialmente em uma realidade marcada por desigualdades sociais. Nesse sentido, passei a entender o que Libâneo (2013, p. 58) defende quando afirma que o professor é um mediador cultural, alguém que precisa transformar conteúdos escolares em algo comprehensível, vivo e aplicável ao contexto dos alunos.

As gincanas matemáticas, os jogos, os desafios em grupo e as oficinas com tecnologias não foram apenas “atividades diferentes”. Foram formas de colocar os estudantes no centro do processo e de reconfigurar a minha ideia de ensinar Matemática. Passei a buscar estratégias que fizessem sentido para eles e, ao mesmo tempo, desafiassem seu raciocínio lógico, criatividade e autonomia.





Além disso, a convivência com a escola e os momentos de reflexão proporcionados pelo PIBID me mostraram, na prática, o que Pimenta e Lima (2010, p. 44) afirmam sobre o estágio e a iniciação à docência como espaço de pesquisa e de formação crítica. Cada atividade, cada reação dos alunos, cada plano que dava certo (ou não) se tornava matéria de análise. Aprendi a olhar minha própria prática com distanciamento crítico e a me perceber em formação constante.

Ao vivenciar essas situações, entendi que ser professora não é aplicar receitas prontas. É estar em movimento. É construir saberes no corpo, na fala, no erro e na escuta. A teoria me ajudou a nomear processos que eu já vivia na prática, e isso fortaleceu minha identidade como futura educadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este relato, consigo perceber com mais clareza o quanto minha trajetória no PIBID impactou profundamente minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Antes de vivenciar o cotidiano escolar de forma tão próxima, eu tinha uma visão idealizada da docência limitada ao planejamento de aulas e à explicação de conteúdos. No entanto, estar na escola, interagindo com estudantes reais, enfrentando desafios concretos e construindo práticas pedagógicas com significado, ampliou completamente meu entendimento sobre o que é ser professora.

A experiência vivida me ensinou que ensinar Matemática vai além de fórmulas e algoritmos. Requer escuta ativa, sensibilidade, criatividade e abertura para o novo. Encontrei no planejamento coletivo, na prática reflexiva e na escuta dos alunos os elementos fundamentais para tornar o ensino mais humano e mais próximo das realidades e necessidades dos estudantes. As ações voltadas às olimpíadas de Matemática, por exemplo, se mostraram potentes não apenas pelo conteúdo em si, mas pela forma como despertaram o interesse, o senso de desafio e a autoconfiança nos alunos.

O PIBID foi mais do que um programa de iniciação à docência: foi um espaço de construção de identidade profissional, de fortalecimento do compromisso ético com a educação pública e de superação de medos e inseguranças. Hoje, sigo mais convicta da minha escolha pela Licenciatura em Matemática e mais preparada para os desafios da sala de aula.

É essencial que programas como o PIBID sejam valorizados e mantidos, pois oferecem ao futuro professor a oportunidade de aprender com a prática, de errar e refletir, de





inovar e compartilhar. Essa vivência me transformou não apenas como estudante, mas como futura educadora comprometida com a construção de uma escola mais justa, criativa e acolhedora.

Diante dessas vivências e reflexões, acredito que a atuação no PIBID me possibilitou o desenvolvimento de competências pedagógicas, como o planejamento e a condução de atividades diversificadas, o uso de recursos digitais e a adaptação de estratégias ao perfil das turmas; fortaleceu habilidades socioemocionais, como a escuta ativa e a gestão de sala; e ampliou a compreensão do papel social do professor como agente de transformação. A interação com colegas, supervisores e coordenadores contribuiu para consolidar uma prática colaborativa e reflexiva, confirmando que a formação docente é um processo coletivo e situado.

Por fim, concluo que a participação no PIBID promoveu uma integração efetiva entre teoria e prática, permitindo que a futura docente reconhecesse a complexidade da profissão e desenvolvesse postura investigativa e crítica diante dos desafios da educação básica. Tais experiências reforçam a importância da continuidade e valorização de políticas públicas voltadas à formação inicial de professores, como instrumento de qualificação da escola pública e de fortalecimento do compromisso social da docência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com profunda gratidão, à Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar) pela oportunidade de integrar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que está sendo decisivo para minha formação docente. Agradeço à minha professora supervisora pela escuta, orientação e confiança ao longo das intervenções pedagógicas, e aos colegas bolsistas pelas trocas, aprendizados e companheirismo.

Registro um agradecimento especial ao professor Francisco Carpegiani Medeiros Borges, coordenador de área do PIBID, pela orientação atenciosa durante a elaboração deste relato e, principalmente, pelo incentivo constante à minha participação neste evento. Seu apoio foi fundamental para que eu reconhecesse o valor da minha trajetória como futura professora de Matemática.

Estendo também minha gratidão à escola José Euclides de Miranda, pela acolhida e abertura para o desenvolvimento das atividades, e especialmente aos estudantes que participaram das oficinas e atividades com tanto entusiasmo e curiosidade. Cada encontro,





cada dúvida e cada desafio compartilhado foi parte essencial do meu processo de aprendizagem.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo - SP 2. ed. Cortez, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. 5 ed. São Paulo – SP, Editora Cortez, 2010.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis - RJ, 17. ed. Vozes, 2014. 3º reimpressão, 2017.